

**JOGADORES-PEÇA, JOGADORES-PRODUTO E JOGADORES-EMPRESA:
ELEMENTOS PARA A COMPREENSÃO DE DIFERENÇAS GERACIONAIS NAS
CATEGORIAS DE BASE DE FUTEBOL**

Marina de Mattos Dantas¹

Aprovado em: 13/08/2022

Resumo: O artigo apresenta algumas considerações para se pensar as diferenças geracionais na formação de jogadores em categorias de base de futebol. Com esse objetivo, está estruturado em duas partes: na primeira, apresenta-se um levantamento de teses e dissertações sobre categorias de base e formação de jogadores produzidas no Brasil entre os anos de 2001 e 2021, com foco na compreensão de quais aspectos relacionados ao tema vêm chamando a atenção de pesquisadores e pesquisadoras e como esses têm sido trabalhados nos últimos 20 anos; na segunda parte, apresentam-se algumas considerações sobre elementos que atravessam a produção de subjetividades-atleta, produzindo, como efeitos, modos de condução de si no futebol profissional: jogadores-peça, jogadores-produto e jogadores-empresa, que implicam em diferenças geracionais entre jogadores pelos modos de produção de formação em épocas distintas.

Palavras-chave: Categorias de base. Gerações. Formação. Jogadores. Produção de subjetividade.

*PART-PLAYERS, PRODUCT-PLAYERS AND ENTERPRISING-PLAYERS: ELEMENTS TO UNDERSTAND
BRAZILIAN SOCCER PLAYERS FORMATION GENERATIONAL DIFFERENCES*

Abstract: The article presents some considerations about the generational differences in formation of brazilian soccer players. With this objective in mind, it is structured in two parts: at first, a mapping of theses and dissertations about youth categories and players formation produced in Brazil between 2001 and 2021 is presented, focusing on understanding which aspects related to the theme have been calling the attention of researchers and how they have been worked over the last 20 years; In the second part, there are some considerations about elements that cross the production of athlete subjectivities, producing, as effects, ways of conducting themselves in professional soccer: part-players, product-players and enterprising, which imply generational differences between players by the formation production modes at different times.

Keywords: Youth Categories. Generations. Formation. Soccer Players. Subjectivity Production.

¹ Marina de Mattos Dantas, Graduada em Psicologia (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais), Mestre em Psicologia Social (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), Doutora em Ciências Sociais (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Professora substituta no Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal do Piauí. ORCID: 0000-0002-7109-6690. E-mail: marinamattos@gmail.com.

JUGADORES DE JUEGO, JUGADORES DE PRODUCTO Y JUGADORES DE EMPRESA: ELEMENTOS PARA LA COMPRENSIÓN DE LAS DIFERENCIAS GENERACIONALES EN LAS CATEGORÍAS JUVENILES DEL FÚTBOL BRASILEÑO

Resumen: El artículo presenta algunas consideraciones para pensar las diferencias generacionales en la formación de jugadores en categorías juveniles de fútbol en Brasil. Con este objetivo, se estructura en dos partes: en la primera, se presenta un levantamiento de tesis y disertaciones sobre categorías juveniles y formación de jugadores producidas en Brasil entre 2001 y 2021, centrándose en comprender qué aspectos relacionados con el tema han llamado la atención de los investigadores y cómo han sido trabajados en los últimos 20 años; En la segunda parte, presentase algunas consideraciones sobre elementos que atraviesan la producción de subjetividades atleta, produciendo, como efectos, modos de conducirse en el fútbol profesional: jugador-parte, jugador-producto y jugador-empresa, que implican diferencias generacionales entre jugadores por los modos de producción de formación en diferentes momentos.

Palabras-clave: Categorías Juveniles. Gerações. Formação. Jogadores. Produção de subjetividade.

INTRODUÇÃO

Categorias de base. Espaço privilegiado de formação de jogadores profissionais. Processo de seleção e especialização contínua, em etapas sucessivas, delimitadas pela idade do jogador, referenciada à sua data de nascimento (1985, 1994, 2000), pela qual integrantes de um determinado grupo passam a ser reconhecidos até serem considerados profissionais. Permeado por ritos de passagens e de vivências que não somente elaboram um corpo jogador, mas também um ser humano socializado na composição de processos de subjetivação que o tornam um atleta, marcado, entre outros elementos, pelas especificidades de seu tempo.

A já clássica série documental *Futebol*, dirigida por João Moreira Salles e Arthur Fontes (1998), em seu primeiro episódio – *O Início* –, traz algumas marcas de um determinado tempo de formação de jogadores.

O episódio proporciona uma experiência de encontro imagético entre gerações distintas de jogadores. De atletas nascidos no início dos anos 1980, que são acompanhados em *peneiras*² no Rio de Janeiro nos anos 1990, com jogadores conhecidos de outros tempos (Nilton Santos, Pelé, Dadá Maravilha, entre outros) que têm a sua geração marcada, usualmente, não pelo ano ou década de seus nascimentos,

² Processos seletivos organizados por clubes de futebol para a captação de novos jogadores para as categorias de base, referência análoga à atividade do garimpo, na qual as peneiras são um dos instrumentos utilizados na separação dos metais preciosos de outros elementos.

mas pelas passagens na seleção brasileira em Copas do Mundo (1950-1960; 1960-1970; 1970). No documentário, os primeiros conversam sobre suas experiências tentando se afirmar como jogadores profissionais. Já os segundos refletem a respeito das memórias da iniciação esportiva, em um momento anterior à formalização da formação de jogadores em categorias de base, quando houve uma primeira tentativa de dissociação dentro de campo entre um futebol compreendido como *arte* e outro compreendido como *técnica*.

Embora diferenças geracionais sejam identificadas no futebol, no meio acadêmico, trabalhos nos quais questões geracionais aparecem diretamente ou intencionalmente trabalhadas ao se pensar as categorias de base são praticamente inexistentes. As palavras geração/gerações e geracional/geracionais não aparecem para se referir a diferenças na formação de jogadores em épocas distintas, mas, sim, como expressão de passagem do tempo – de geração para geração – ou para se referir ao ato de gerar algo. Em que pese essa informação, todo trabalho que seja dedicado a entender os processos formativos de jogadores contém elementos para pensarmos questões geracionais.

É esse o exercício proposto neste artigo, que está dividido em duas partes. Na primeira, apresenta-se um levantamento de teses e dissertações sobre categorias de base e formação de jogadores produzidas entre os anos de 2001 e 2021 com foco na compreensão de quais aspectos relacionados ao tema vêm chamando a atenção de pesquisadores/as nos últimos 20 anos e como estes pontos são trabalhados; na segunda, apresenta-se algumas considerações sobre elementos que atravessam a produção de subjetividades atletas, produzindo, como efeitos, modos de condução de si e de ser conduzido no futebol profissional: *jogadores-peça*, *jogadores-produto* e *jogadores-empresa* (DANTAS, 2014; DANTAS, 2017), que implicam em diferenças geracionais entre jogadores pelos modos de produção de formação em épocas diferentes.

UM PANORAMA SOBRE OS ESTUDOS DO FUTEBOL NAS CATEGORIAS DE BASE

No Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES encontrou-se 119 resultados para “categorias de base” e mais 12 para “formação de jogadores”³. Analisando as temáticas centrais desses trabalhos, encontram-se 9 produções que sequer tematizam o futebol ou alguma outra prática esportiva, elencados por possuírem a palavra-chave da pesquisa em seu resumo, empregada com outros significados. Do total encontrado, 31 trabalhos versam sobre as categorias de base de outras modalidades esportivas; nove são sobre futebol, mas não sobre categorias de base, embora as citem, de maneira pontual, a título de exemplo. Entre esses nove, 2 são sobre futebol jogado por mulheres e citam a incipiência e a importância do investimento na base para o desenvolvimento do Futebol jogado por aquelas.

Excluindo-se esses 49 trabalhos e mais um que aparece repetido na busca de ambas as palavras-chave, 81 teses e dissertações se originaram a partir de pesquisas realizadas em categorias de base ou sobre estas⁴. Em grande parte, a partir de referenciais da análise de desempenho (10), da fisiologia/biomecânica/morfologia do exercício (18) e de processos psicológicos básicos/traços psicológicos/condições psíquicas (9). Na somatória, são 37 produções nesse grupo que trabalha questões de ordem orgânica ou intrapsíquica, de jogadores ou outros atores do meio esportivo.

Após essa primeira análise quantitativa, constatou-se que 44 trabalhos se dedicaram a pensar as categorias de base não enfatizando aspectos fisiológicos, técnicos e táticos da formação esportiva e de atletas, e, sim, condições antropológicas, sociais ou psicossociais da formação. Desses, 35 são dissertações⁵ e 9 teses, tendo sido o primeiro estudo dessa natureza defendido em 2001 (SOUZA, 2001) e o último em 2021 (MENEZES, 2021).

Os trabalhos originam-se de pós-graduações em oito áreas diferentes: Educação Física/Ciências da Atividade, da Motricidade e do Movimento (17), Psicologia/Psicologia Social/Psicologia Escolar/Análise do Comportamento (10), Antropologia/Antropologia Social/Sociologia/Ciências Sociais (7), Educação (4), Direito (2), Gestão/Administração (2), História (1), Cultura e Territorialidades (1); Em grande parte, produzidas em

³ Levantamento realizado em 16 de junho de 2022.

⁴ Foram considerados trabalhos sobre futebol de campo e futsal.

⁵ Dissertações de mestrado acadêmico, incluindo uma de mestrado profissional.

programas de pós-graduação, no Sudeste (25) e Sul (15) do Brasil, o que é tendência nos estudos que tematizam o futebol nas Ciências Humanas e Sociais de maneira mais ampla (SOUZA et al., 2019), com bem menos produções na região Nordeste (3), Norte (1) e nenhuma na Centro-Oeste.

Entre esses trabalhos, 22 abordam a formação/profissionalização/produção de jogadores de maneira mais ampla; dois discutem questões relacionadas à carreira de atletas, incluindo a iniciação esportiva, a partir de histórias de vida e trajetórias de jogadores específicos; outros dois sobre processos seletivos e detecção/manutenção de talentos; dois sobre representações sociais do futebol nas categorias de base; outro sobre consumo de produtos por jogadores da base; e mais um sobre religião. Dos trabalhos que não se detiveram, primordialmente, a estudos junto aos jogadores, dois foram realizados com pais e/ou mães destes, um com psicólogos do esporte, nove com técnicos e dois sobre gestão. Como mencionado anteriormente, embora não tenham tematizado as gerações, esses trabalhos contêm alguns elementos para se pensá-las.

Paoli (2007) e Koehler (2017) estudaram questões relacionadas aos processos seletivos e à detecção/manutenção de talentos em categorias de base. O primeiro autor discute a formação e a identidade de atletas na relação com os estilos de jogo na dualidade “futebol arte” e “futebol técnica”, chegando à conclusão de que esse não é um referencial utilizado pelos coordenadores técnicos e treinadores envolvidos na formação de jogadores em clubes brasileiros nos anos 2000. Koehler (2017), por sua vez, aborda a temática através da análise da perspectiva de gestores sobre o assunto, pensando a captação e retenção de talentos e concluindo que a rede formada por esses atores é importante e produziu modificações naquela década em relação ao processo estudado.

As teses e dissertações sobre formação e categorias de base produzidas entre os anos de 2010 e 2018 concentram-se no estudo dos jogadores atuantes nessas duas décadas. Somente a tese de Damo (2005) é anterior a esses. Os trabalhos produzidos na virada da década de 2000 para 2010 demonstram preocupação com a relação entre a educação formal e as categorias de base⁶ (MELO, 2010; SANTOS, 2010; BARRETO, 2012; MENEZES, 2013; MORO, 2018), preocupação esta que já aparecia na década anterior

⁶ O interesse por essa temática específica se apresenta, predominantemente, em programas de pós-graduação em educação física e educação.

(SOUZA, 2001) e que se mantém, posteriormente, nas vésperas da Copa do Mundo realizada no Brasil em 2014 (KLEIN, 2014; CONCEIÇÃO, 2015), em meio a outros interesses de pesquisa que emergiram naquela década, como: trabalho imaterial e estilos de vida de jogadores (JOB, 2012), projetos familiares (PAULA, 2013) análise de propostas formativas de clubes (SILVA, 2015), processos de subjetivação de jogadores (DANTAS, 2017; VIEIRA, 2017; MORO, 2018), o processo de formação de grupos (CASTELANI, 2017). Por último nessa sequência, um trabalho sobre decolonialidade e identidade de jogadores (CUNHA, 2018) é o mais recente. As produções de Salomão (2018), Freitas (2013) e Silva (2015) situam as condições socioculturais e antropológicas da formação de jogadores⁷.

Em comum aos estudos supracitados, todos têm como base o estudo da geração de seu tempo⁸. Categorias de base anteriores são mais estudadas a partir de outros temas centrais, como a histórias de vida de jogadores que não mais se situam nesse período formativo (PAZ, 2016; ALVES, 2018).

A predominância de trabalhos com jogadores de categorias de base e não com jogadoras pode soar óbvia para alguns, porém não é um dado natural. O futebol praticado por mulheres não era objeto de questão acadêmica nas Ciências Humanas e Sociais até 1997 e emergem com mais força nos anos 2010 (ANJOS; DANTAS, 2020).

Outro destaque é o aparecimento de um trabalho que já em seu título anuncia a questão racial que atravessa a formação de jogadores como aspecto central da análise sobre a formação em categorias de base (CUNHA, 2018) que se sintoniza com a importância dada recentemente aos atravessamentos de raça, gênero e classe, ou marcadores sociais de diferença, que se interseccionam às discussões produzidas nesse campo.

Não especificando a base e a formação como questão central, os trabalhos de Amparo (2012), Borges (2018) e Petrognani (2016) tematizam outros aspectos que atravessam a formação de jogadores na década de 2010, respectivamente: as representações sociais de jogadores sobre futebol, o consumo de produtos por jogadores e a experiência religiosa de jogadores.

⁷ A ausência das teses de Bitencourt (2009) e Palmieri (2015) é notória no levantamento realizado, assim como outras teses e dissertações podem ter ficado de fora pelas limitações dessa pesquisa.

⁸ Jogadores nascidos entre 1980 e 1999 que frequentaram as categorias de base de algum clube entre os anos 2000 e 2015.

Mas não somente de atletas se constitui as categorias de base no futebol. Entre os anos 2004 e 2020, muitas teses e dissertações foram produzidas com foco central nos treinadores (CÂMARA, 2009; KANETA, 2009; PESCA, 2013; BELINELI, 2013; BETTEGA, 2015; LIMA, 2018; PINTO, 2018; CARLET, 2020). Esses ressaltam a relação treinador-jogador ou aspectos referentes a características psicológicas e/ou pedagógicas dos mesmos e se concentram em cursos de Educação Física/Ciências do Esporte/Ciências do Movimento e Psicologia/Análise do Comportamento.

Além desses, um trabalho com foco nos psicólogos do esporte no futebol de campo (DANTAS, 2011) e outro sobre o comportamento parental no futsal (JORAND, 2017) indicam a incipiência com a qual a perspectiva e as implicações da atividade desses outros atores envolvidos na formação foram consideradas nos estudos do futebol até o momento, seja de maneira pontual ou na relação uns com os outros, em pesquisas de mestrado e doutorado⁹.

Esse panorama da produção de teses e dissertações no Brasil nos indica que os jogadores que estiveram nas categorias de base entre os anos 2010 e 2020 foram os mais estudados até então.

GERAÇÕES

Tratando-se de categorias de base e seus atravessamentos por questões geracionais, duas produções são fundamentais para situar mudanças nos modos de se pensar e produzir a formação nesses espaços. São estas *Afonso e Edmundo: a*

⁹ Ajudando a compor esse panorama de produções com base em estudos de médio/longo prazo, o artigo de Ricci e Aquino (2022), que analisaram a produção de artigos científicos sobre a dupla carreira acadêmica-esportiva na América Latina entre os anos 2000 e 2020, sinaliza queda de 39 artigos encontrados entre os anos de 2011 e 2020, 32 são oriundos de estudos realizados no Brasil. Praticamente um terço deles (11) relativos a estudos realizados em categorias de base de diversos esportes e mais cinco produzidos a partir de pesquisas com atletas de categorias de base e adulta. Desses, 14 no futebol e 13 especificamente sobre categorias de base (incluindo um estudo argentino, entre os brasileiros). Desses 13, há um único que não realizou pesquisa empírica sobre os jogadores da geração que esteve na base nos anos 2010, abordando o tema pela história oral de vida de ex-jogadores com idade entre 25 e 46 anos (PEDROZA JÚNIOR et al., 2020), tendo passado pelas categorias de base entre os anos 1990 e 2000 pelo o que é possível inferir por essas informações.

rebelia no futebol brasileiro, de José Paulo Florenzano (1998)¹⁰ e *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*, de Arlei Sander Damo (2007)¹¹.

Florenzano (1998), para pensar as emergências da categoria jogador-problema, focaliza a mudança de racionalidade operada nos anos 1960 em relação à formação de jogadores, de uma formação que confundia-se com a experiência do futebol de diversos modos, em diversos espaços, para uma mais especializada, em centros de treinamento, que situa as categorias de base de clubes tradicionais como *lócus* privilegiado da formação do jogador profissional. Damo (2007), partindo de uma etnografia realizada no início dos anos 2000 junto às categorias de base do Sport Clube Internacional, de Porto Alegre (RS), com atletas nascidos entre 1984 e 1986, compondo a categoria juvenil na época, foi a primeira produção acadêmica defendida sobre categorias de base com trabalho de campo no Brasil¹².

Nessas duas produções encontramos elementos que nos permitem demarcar algumas questões geracionais relacionadas aos modos como, em cada época, se produziu verdades sobre a formação de jogadores, entre os primeiros atletas formados em categorias de base, nos anos 1970, e aqueles que estiveram em formação entre os anos 1990 e 2000.

Partindo deste ponto, apresenta-se algumas considerações sobre elementos que atravessam a produção de subjetividades atletas, produzindo, como efeitos, modos de condução de si no futebol profissional, que implicam em diferenças geracionais entre jogadores pelos modos de produção de formação, não com o intuito de cristalizar modos universais de ser jogador em cada época, mas visibilizando atravessamentos comuns ao processo de formação nas categorias de base que se concretizam em uma gama de possibilidades de ser jogador em momentos distintos.

Dessa maneira, o jogador de futebol habita diversos territórios existenciais nos quais, para além de outros atravessamentos que os compõem, assume características

¹⁰ Publicação adaptada a partir da dissertação de mestrado do autor: Florenzano, José Paulo. *A rebelia no futebol brasileiro*. 1997. 298 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

¹¹ Publicação adaptada a partir da tese de doutorado do autor: DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

¹² No levantamento realizado, somente o trabalho de Souza (2001) é anterior a este.

de peça modelada para funcionar de uma forma específica dentro de campo (FLORENZANO, 1998), processo ainda presente nas formas de subjetivar um atleta nos dias de hoje, mas mais característico dos modos de se pensar a formação nos anos 1970/1980; e também produto modulado para ser comercializado entre os clubes (DAMO, 2007), modo característico de subjetivação dos anos 1990/2000. Às noções de *jogador-peça* e *jogador-produto*, desenvolvidas, respectivamente, nos trabalhos citados, entrelaça-se a noção de *jogador-empresa* (DANTAS, 2014; DANTAS, 2017), inspirada em Foucault (2008), como versão atualizada e dependente das relações anteriormente estabelecidas nesta trama. Esse último, o *empreendedor de si*, é produto e empresário de si mesmo¹³, correspondendo a certo efeito de poder produzido no encontro do futebol com a racionalidade neoliberal.

GERAÇÃO JOGADORES-PEÇA

A profissão de jogador de futebol oficializa-se em 1933, impulsionando gradualmente a profissionalização de outros envolvidos na prática desse esporte, em um processo no qual se começava a entendê-lo, assim como a seus praticantes, como objetos de uma especialização. A formação de jogadores, contudo, ainda era compreendida de modo bastante inatista, ou seja, como se a aprendizagem do futebol fosse dependente mais de um dom do jogador do que da relação desse ser humano com os outros e com o ambiente.

Durante o período de 1950 a 1970, o futebol e o discurso científico aproximam-se e “o corpo do jogador passa a ser objeto de um novo investimento político” (FLORENZANO, 1998, p. 33). O corpo-atleta passa a ser foco do empreendimento de vários profissionais encarregados de “mudar o brasileiro por dentro e por fora”. A objetivação do futebol tinha como principal meio a construção de uma equipe-máquina, para qual se exigia, para o pleno funcionamento, o jogador-peça, também objetivado (FLORENZANO, 1998). Com o trabalho dos especialistas na formação do atleta, o jogador brasileiro já não “nascia feito”. Teria que ser cuidadosamente treinado, nutrido e exercitado para se extrair o máximo de sua eficiência esportiva. Nesse processo, o técnico, o preparador físico e os outros especialistas do esporte assumiram papel

¹³ Embora, não raramente, terceirize grande parte dessa gestão de si para outros agentes do futebol.

fundamental na correção de “vícios” do aprendizado na várzea. O técnico, ao longo desse processo, passa a especializar-se, frequentando a universidade e congressos onde se discutem estratégias de preparação dos atletas, relacionadas ao modelo de formação importado da Europa (BELTRÃO, 1974). É naquele momento que práticas disciplinares aparecem com maior intensidade no futebol brasileiro com o intuito de sua especialização, operando um distanciamento entre o lúdico e a técnica no futebol. Com a depreciação do futebol aprendido na experiência das ruas e da várzea, privilegiava-se um aprendizado formal em detrimento do aprendido de forma espontânea, processo que no Brasil se destaca entre meados dos anos de 1960 e 1970, quando essa prática especializada de formação de profissionais começava a se fazer necessária, à produção de novos jogadores – a tornar-se uma verdade.

Como pontuado anteriormente, a produção acadêmica sobre esse período é escassa. A primeira dissertação encontrada sobre as categorias de base (SOUZA, 2001) situa a questão da técnica e da especialidade nesse tempo como operadoras de um efeito de automatização do futebol. Assim, as categorias de base dos clubes tornam-se concomitantemente escolas de formação e fábricas de produção do atleta, ou seja, os clubes, ao mesmo tempo em que educavam e preparavam seus trabalhadores, forjavam no corpo dos próprios trabalhadores as peças do seu jogo. Apesar da instrumentalização crescente do corpo do jogador durante os anos 1960 e 1970, a sua utilização como produto de valor mercadológico ainda não predominava no futebol brasileiro. A ligação moral e de pertencimento ao clube – característica que remetia às primeiras décadas do século XX, quando preponderava o amadorismo – ainda predominavam (PRONI, 2000). Naquele tempo o futebol já se configurava como um espetáculo, mas não ainda como uma atividade econômica. “Trocar de camisa” não era uma simples escolha mercadológica. Sendo assim, o jogador apesar de ser posicionado como um patrimônio do clube, não se caracterizava exatamente como uma mercadoria.

GERAÇÃO JOGADORES-PRODUTO

Embora a separação disciplinar entre formação e atuação profissional no futebol de campo já estivesse colocada, de outros modos, desde antes da primeira profissionalização do futebol no Brasil – nas divisões entre equipes principais e

secundárias, juvenis e profissionais – é a geração de 1980 e 1990 que viverá as primeiras conformações dessa especialização.

Sobretudo nos anos 1990, em função das discussões que culminaram na promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (8.069/90) e da Lei Pelé (9.615/98) que demarcam, juntas, algumas condições especiais do atleta em idade abaixo dos 18 anos, delimitou-se maior distanciamento entre o futebol profissional e o das categorias de base.

Contudo, total separação entre formação e atuação profissional não é possível, pois estes são processos contínuos, não lineares, que atravessam a constituição do sujeito concomitantemente. No ambiente futebolístico, Damo (2007) define a formação caracterizando-a como aprendizado de uma profissão, o ensino de competências que está ligada a suposta benevolência da parte daquele que ensina, ao passo que o termo produção está ligado à construção de um produto.

É especificamente pelo entendimento do jogador – e da vida, de modo geral – como um produto, que muitos jovens se tornam objeto de empreendimento de suas famílias na busca do sonho de ser jogador de futebol. Mesmo antes do ingresso de um menino nas categorias de base de um clube, não é incomum os pais transferirem a responsabilidade legal por seus filhos aos agentes que desde então gerenciam a vida desse atleta em desenvolvimento.

Segundo Proni (2000) e Damo (2007), os agentes ou empresários, como são denominados no meio futebolístico, começaram a circundar os gramados brasileiros no final dos anos 1980. A criação dessa função no ambiente futebolístico se relaciona com o que se iniciava ainda nos anos de 1970, quando os clubes arrecadavam uma quantia considerável de dinheiro através das bilheterias dos estádios lotados. A possibilidade de transmissão para outras localidades impulsionava o uso do estádio como espaço de publicidade e também o uso de alguns jogadores na divulgação de produtos diversos em jornais e revistas (PRONI, 2000).

Embora longínqua, a relação entre mídia e futebol se transforma radicalmente nos anos 1980, com o televisionamento direto das partidas de futebol em rede nacional. O espaço publicitário alcança a camisa dos jogadores. Estes passam a ser não somente “garotos propaganda”, mas a vestir a marca que patrocinava o campeonato ou o clube pelo qual jogavam. A competição brasileira na qual esta prática tornou-se acentuada foi

a Copa União, em 1987, organizada pelo então nascente Clube dos Treze. Para aquele campeonato, a associação conseguiu o apoio da Coca-Cola que assinou contrato com quase todos os clubes participantes (AREIAS, 2008). Outras duas grandes empresas também investiram economicamente na competição e, a partir daquele momento, estaria entre os principais objetivos da liga, “entender e tratar o futebol como atividade econômica”¹⁴. Não somente os clubes e os campeonatos, mas também o jogador brasileiro começava a ser, ele próprio, alvo de investimento financeiro. Foi durante esse período que as parcerias entre clubes e empresas, cada vez mais íntimas, começaram a apostar fortemente no atleta, ainda que não tenham deixado de lado seus outros produtos.

Mas, para que o jogador chegasse a se tornar um grande negócio, uma série de mudanças nas regulamentações do esporte profissional foi produzida e atualizada com o mercado neoliberal. No caso do jogador de futebol, algumas mudanças com relação à Lei do Passe (6.354/76) foram fundamentais para que fosse possível pensar o atleta como um investimento econômico, principalmente no que concerne à posse de seu passe. Segundo o artigo 11 da Lei do Passe, “entende-se por passe a importância devida por um empregador a outro, pela cessão do atleta durante a vigência do contrato ou depois de seu término” (BRASIL, 1976, s/p). O atleta somente teria o “passe livre” ao completar trinta e dois anos de idade e dez anos de serviço efetivo em seu último clube. Essa condição propiciava o uso mercadológico do atleta, que desde a profissionalização do esporte, sempre esteve presente no futebol profissional intensificada desde os anos 1980 com o aumento das transações internacionais entre os clubes. A Lei Zico (8.672/93), projetada em um contexto de redefinição da intervenção estatal no âmbito esportivo, foi concebida como uma primeira tentativa de se atualizar as regulamentações do esporte brasileiro através de alterações na Lei do Passe, a saber: a extinção do passe, a profissionalização da gerência dos clubes e a promoção de alterações no sistema eleitoral da CBF. Naquela época, poucas alterações se efetivaram em relação às expectativas de uma gestão empresarial do futebol e a Lei Zico foi aprovada com muitas ressalvas, pois ainda que algumas mudanças em prol da comercialização do espetáculo tenham sido aceitas, muito do pensamento paternalista

¹⁴ Afirmação presente no endereço eletrônico do Clube dos Treze no final dos anos 2000. Com a extinção do grupo, o site foi desativado em 2011.

historicamente construído ainda persistia, e ainda hoje persiste, no futebol brasileiro. O próprio projeto de se revogar a lei anterior não foi consolidado, continuando a ser o passe do jogador uma propriedade do clube empregador. Quatro anos mais tarde, as discussões em torno do passe e do modelo empresarial de gestão do futebol retornam ao Congresso Nacional com o projeto da Lei Pelé (9.615/98). Dessa vez, o fim do passe foi decretado, bem como a obrigatoriedade de as agremiações se transformarem em clubes-empresa. O jogador de futebol passou, então, ao menos hipoteticamente, a controlar totalmente a venda da sua força de trabalho. Entretanto, com o futebol, agora, funcionando em consonância com a flexibilidade das relações do mercado neoliberal, a maioria dos jogadores continuaria a delegar tal exercício de poder aos agentes / empresários. Ao contrário do que faz supor uma leitura literal da lei, os jogadores continuavam sendo “vendidos”. A principal mudança que se dá a partir da Lei Pelé é que está centralizado no jogador o poder de decidir por qual clube jogar, o que, por sua vez encontra-se revestido pelas práticas da racionalidade neoliberal, configurando-o como um empreendedor de si. Nos dias de hoje, os clubes garantem uma porcentagem na negociação dos contratos de trabalho, continuando no controle, agora descentralizado, dividido também com os agentes e os investidores.

GERAÇÃO JOGADORES-EMPRESA

Rapidamente, a quantidade de profissionais agregados ao gerenciamento da vida do jogador, configurando uma entourage ao seu redor (DAMO, 2007) alcança tal proporção que o jogador torna-se, ele próprio, uma empresa a ser gerenciada.

Segundo Foucault (2008), um dos efeitos da racionalidade neoliberal, forma predominante de razão de governo nos dias atuais em sociedades ocidentalizadas, é a “possibilidade de reinterpretar em termos econômicos e em termos estritamente econômicos, todo um campo que, até então, podia ser considerado, e era de fato considerado, não-econômico”¹⁵ (FOUCAULT, 2008, p. 302). Em meios futebolísticos essa atualização abre espaço para a presença cada vez mais institucionalizada de

¹⁵ Com isso, não se afirma que anteriormente não havia uma economia no futebol ou que as relações mercadológicas não estivessem presentes. Sobretudo no futebol de espetáculo, são as práticas e relações econômicas que se modificam.

empresários, agentes que vão se tornando cada vez mais indispensáveis à dinâmica do futebol profissional, na gestão de clubes e também na gestão da carreira de atletas.

No que tocam a gestão de carreiras e da vida de atletas, se entrelaçam à possibilidade e esperança da realização de um sonho infantil, os convencem que são incapazes de gerir carreiras e oferecem uma gama de materiais e serviços (DAMO, 2007) que tornam o atleta um candidato mais plausível ao sucesso profissional.

O empresário investe no cuidado do atleta que é convertido em capital humano na produção de um produto de qualidade. Simultaneamente, os cuidados dos profissionais especialistas nos centros de treinamento, produzirão novos parâmetros biológicos e comportamentais de se ser jogador de futebol.

Para aqueles que desde a infância suportam as incertezas dos processos seletivos – as peneiras – e à possibilidade de ser dispensado a cada mudança de categoria, a lógica competitiva habita o sonho de ser jogador de futebol e é preciso saber conduzir-se em meio a relações de prestígio e poder, para ter o futebol como principal atividade profissional.

Para essa geração, o valor de imagem, mais que suas habilidades esportivas, demarca as diferenças entre o jogador celebridade e o que transita em um campo de anonimato. Contratualmente, não é raro que clubes atribuam um alto valor à imagem de atletas em negociações pela redução do preço do salário assinado na carteira de trabalho. Através dessa prática o clube empregador conseqüentemente diminui o valor dos encargos trabalhistas. O direito de arena, pago também pelo clube, é uma outra quantia que o jogador recebe referente à venda da transmissão dos jogos. Ao final do mês, serão basicamente essas três remunerações – o do salário, o do direito de imagem, e do direito de arena – que comporão a quantia recebida pelos atletas que alcançam a elite de alguma liga profissional.

Quanto maior o prestígio de um jogador e sua exposição midiática, maior torna-se a valorização e a procura de jogadores pelas empresas que vislumbrarão uma boa oportunidade de investimento. Juntos, constroem com os jogadores e seus agentes uma empresa de capital aberto, na qual o próprio atleta é o produto. Cada um possui uma porcentagem a ser investida e recebida na negociação de um atleta com outra entidade desportiva. Ao clube formador do atleta, no entanto, continua sendo assegurado uma parcela na negociação do mesmo e é responsável por prover educação formal, saúde,

transporte e convivência familiar. Essas regulamentações tentam garantir certa distinção na formação do jovem jogador, e também que ele não seja formalmente reduzido a mero produto.

A importância dada a outros tipos de estudos e à qualidade desses, no entanto, não é muito perceptível por parte de alguns dirigentes, treinadores e empresários, assim como não é desejável que o atleta desvie seu foco para qualquer outra preocupação senão com o seu desempenho esportivo, o que contrasta com a realidade de que, geralmente, poucos são os jogadores que seguem nessa carreira, e menos ainda os que chegam a viver financeiramente confortáveis sendo profissionais do futebol.

O bom jogador, nesse contexto, está docilizado para responder dentro e fora de campo ao que lhe foi pedido, mas também precisa ser criativo e o empreendedor de si nesse mercado para produzir renda para si e para outros. Desse modo, caso não consiga estabelecer-se como jogador profissional, será um bom empreendedor ou funcionário em outros mercados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nei Conceição, jogador do Botafogo de Futebol e Regatas entre os anos de 1960 e 1970, diz que se não fosse jogador de futebol, seria jogador de futebol mesmo (BRANCO; CONCEIÇÃO, 2019). Para além dos sentidos atribuídos por Nei a este pensamento, é possível pensar em certa relação fatalista, de escassez de possibilidade de escolhas, para muitos aspirantes a jogador que nem sempre são estimulados a sonhar em desempenhar outras atividades profissionais.

Os esportes incorporaram a lógica empresarial com tanta habilidade que se tornaram referência de seu próprio exercício para empresas e para a vida. Contudo, a fusão entre empresa e esporte não pode ser mais vista como uma metáfora de um campo para explicar o outro. O jogador continua sendo peça e também precisa ser produto para chegar à condição de empresa de confiança do mercado, aquela que todos gostariam de contratar e que consegue atrelar o valor de sua imagem à sua renda de modo a viabilizar estabelecer-se como jogador de futebol profissional.

Para isso, é preciso jogar futebol para um público que não somente o torcedor, mas para a exposição de jogadores a clubes e agentes – o público consumidor do

jogador-produto. O impacto das modificações oficializadas pela Lei Pelé abriu um abismo entre os jogadores/clubes de “grande porte” e os jogadores/clubes de “pequeno porte”. Ainda que com possibilidade de trânsito entre esses dois polos, via de regra, com os primeiros tornando-se ainda mais grandiosos no ambiente esportivo e os segundos ainda mais apequenados diante das forças neoliberais operantes do mercado supostamente livre, regido pelas regulamentações que fortalecem a racionalidade neoliberal, expondo a conformação do risco competitivo neoliberal como produtor de produtividades.

Nesse sentido, o futebol, apesar de ser caracterizado como um esporte coletivo por necessitar de mais de um jogador de cada lado para acontecer, torna-se, também, um esporte cada vez mais individualizado, pois cada um está em busca das suas próprias marcas de superação que agregarão um maior valor econômico à sua imagem, intimando o jogador a buscar o sucesso a partir de seu esforço como se nenhum outro atravessamento entre o desenvolvimento de suas habilidades e a consagração de sua carreira existisse.

As práticas neoliberais do futebol contemporâneo criam efeitos que operam movimentos de expulsão, do futebol lúdico, do torcedor apaixonado, e do jogador resistente a essas modificações, seja por não conseguir adaptar-se a elas, por recusar-se a se “coisificar” ou por tentar transgredi-las.

Em cada geração há algumas possibilidades diferentes de subjetivar-se na condição de jogador. Em todas elas, o desejo de muitos de ser “jogador de futebol mesmo”.

REFERÊNCIAS

ALVES, Amilar Fernandes. *A carreira do atleta de futebol: da base à aposentadoria*. 2018. 116 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2018.

AMPARO, Liliane Peixoto. *Representações Sociais do Futebol entre Atletas das Categorias de Base*. 012 112 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio De Janeiro, Rio De Janeiro, 2012.

AREIAS, João Henrique. *Uma bela jogada: 20 anos de marketing esportivo*. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2007.

BARRETO, Paulo Henrique Guilhermino. *Flexibilização escolar a atletas em formação alojados em centros de treinamento no futebol: um estudo na toca da raposa*

e na cidade do galo. 2012. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

BELINELI, Lays Fernanda. *Análise do comportamento e esporte: capacitação comportamental com uso de feedback*. 2013. 56f. Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) – Centro de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

BELTRÃO, Aureliano. *Visão técnica do futebol moderno*. Rio de Janeiro, Paralelo, 1974.

BETTEGA, Otávio Baggliotto. *Processo de ensino-treino nas categorias de base de um clube de elite do futebol brasileiro*. 2015. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

BITENCOURT, Fernando Gonçalves. *No reino do quero-quero: corpo e máquina, técnica e ciência em um centro de treinamento de futebol – uma etnografia ciborgue do mundo vivido*. 2009. 314 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2009.

BORGES, Mellyna Andrea Reis dos Santos. *Quem entra no jogo cheio de fome, a inspiração é mesa farta: Relações sociais e culturais no futebol da Baixada Fluminense*. 2018. 103 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2018.

BRANCO, Lucio; CONCEIÇÃO, Nei. *NC5 Contra a Lei do Impedimento*. São Paulo: Dolores, 2019.

BRASIL. *Lei nº 6.354 de 2 de setembro de 1976*. Dispõe sobre as relações de trabalho do atleta profissional de futebol e dá outras providências. Diário Oficial da União 2 set. 1976.

_____. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. *Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília DF, 13 jul. 1990.

_____. *Lei nº 9.615 de 24 de março de 1998*. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília DF, 25 mar. 1998.

CARLET, Rodrigo. *O feedback como recurso do treinador: um estudo em categorias de base de futsal*. 2020. 110 f. (Mestrado em Ciências Do Movimento Humano) -Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2020.

CÂMARA, Hugo César Reis. *Avaliação de critérios comportamentais utilizados por técnicos no desempenho esportivo de futebolistas das categorias de base*. 2009. 125 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

CASTELLANI, Rafael Moreno. *O futebol profissional e o processo de formação de grupo*. 2017. 250 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

CONCEIÇÃO, Daniel Machado da. *O estudante-atleta: desafios de uma conciliação*. 2015 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

CUNHA, Taina de Oliveira Meinberg. *Decolonialidade e futebol: O reconhecimento da identidade na formação do atleta*. 2018. 200 f. Dissertação

(Mestrado em Direito) - Faculdade de Direito e Ciências do Estado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à Profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rithschild/Anpocs, 2007.

DANTAS, Marina de Mattos. *Futebol de base e produção de subjetividade: o psicólogo do esporte e a construção do atleta contemporâneo*. 2011. 106 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

_____. "Pequenas empresas, grandes negócios: os anônimos do futebol profissional brasileiro". *Esporte e Sociedade*, ano 9, n. 23, mar. 2014.

_____. *Cartografias de um campo invisível: os anônimos jogadores do futebol brasileiro*. 2017. 252 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

DANTAS, Marina de Mattos; ANJOS, Luiza Aguiar dos. "Futebol e mulheres no Brasil: apontamentos sobre a produção acadêmica a partir de teses e dissertações" (1980-2016). In: KESSLER, Cláudia Samuel; COSTA, Leda; PISANI, Mariane da Silva. *As mulheres no universo do futebol brasileiro*. Santa Maria: UFSM, 2020, p.331-350.

FAGGIANI, Fernanda Torres. *O processo de aculturação e a adultez emergente em atletas de futebol*. 2017. 93 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Escola de Ciências da Saúde e da Vida, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2017.

FIGUEIREDO, Ronaldo dos Santos. *Gestão das Categorias de Base de Futebol de Um Clube da Primeira Divisão do Estado do Rio de Janeiro*. 2011 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Atividade Física) – Universidade Salgado de Oliveira, Niterói-RJ, 2011.

FLORENZANO, José Paulo. *Afonso e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo: Musa Editora, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FUTEBOL – PROFISSIONAIS. Direção: João Moreira Salles, Arthur Fontes. Brasil. GNT Vídeo Filmes, 1998. DVD.

JOB, Janos. *Hipersolicitação em Contexto de Trabalho Imaterial e os Estilos de Vida Decorrentes: um estudo com jovens atletas*. 2012. 84 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

JORAND, Marcos Fonseca. *O comportamento dos pais nas categorias de base do futsal: um estudo de caso Niterói*. 2017. 93 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Atividade Física) – Universidade Salgado de Oliveira, Niterói-RJ, 2017.

KANETA, Catalina Naomi. *Avaliação Psicológica: uma aplicação do Teste de Liderança Situacional (TLS) em Psicologia do Esporte*. 2009. 157 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade De São Paulo, São Paulo, 2009.

KLEIN, Lucas Barreto. *Profissionalização e escolarização de jovens atletas de futsal em Santa Catarina*. 2014. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

KOEHLER, Marcius. *Contribuições de uma rede para retenção de talentos em pequenos clubes de futebol*. 2016. 123 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2016.

LIMA, Lucas Oliveira. *Corpo/corporeidade e a pedagogia do esporte nas categorias de base de futebol: ausência/presença a beira do campo*. 2018. 189 f. Dissertação (Mestrado em Práticas Pedagógicas) - Faculdade de Educação Física, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2018.

MELO, Leonardo Bernardes Silva de. *Formação e Escolarização de Jogadores de Futebol no Estado do Rio de Janeiro*. 2010. 86 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

MOIOLI, Altaie. *A convivência do técnico e os atletas adolescentes na modalidade de futebol: uma análise intercondutal das relações afetivas na equipe*. 2004. 231 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro-SP, 2004.

PALMIÉRI, Júlio César Jatobá. *Um mundo em vários movimentos: uma etnografia sobre futebolistas de base*. 2015. 277f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2015.

PAOLI, Próspero Brum. *Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos*. 2007. 178 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.

PAZ, Jose Ricardo Lemos. *Histórias de vida: as marcas de uma trajetória da iniciação esportiva ao ingresso na carreira de jogadores de futebol*. 2016. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Atividade Física) – Universidade Salgado de Oliveira, Niterói-rj, 2016.

PEDROZA JÚNIOR, E. T.; COSTA, M. A. N.; MENEZES, V. G.; KOHL, H. G.; MELO, E. H. R. de. História de vida de ex-jogadores profissionais de futebol em Pernambuco: formação acadêmica versus formação esportiva. *Movimento*, [S. l.], v. 26, p. e26067, 2020.

PESCA, Andrea Duarte. *Avaliação da eficácia de treinamento na percepção de treinadores de modalidades esportivas*. 2013. 114f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

PETROGNANI, Claude. *Futebol e religião no Brasil: Um estudo antropológico do "fechamento"*. 2016. 236 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

PINTO, Arthur Sales. *Joia ou gente? opinião de treinadores brasileiros sobre jogadores de futebol da categoria masculino sub-15*. 2018. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2018.

PRONI, Marcelo Weishaupt. *A Metamorfose do Futebol*. Campinas: Unicamp, 2000.

RICCI, Christiano Streb; AQUINO, Rodrigo; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. “A dupla carreira acadêmica-esportiva na América Latina entre os anos 2000 e 2020: análise sobre a produção científica publicada em artigos”. *Movimento*, v.28, p. e28005, jan./dez. 2022.

SALOMÃO, Rodrigo Lourenço. *A experiência vivida por atletas de categorias de base: a cultura esportiva sob a ótica fenomenológica*. 2018. 116 f. Dissertação (Mestrado

em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade De São Paulo, Ribeirão Preto, 2018.

SANTOS, Francisco Xavier dos. *O lugar da Educação na Formação do Jovem Atleta para o futebol profissional em Recife*. 2010 179 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

SILVA, Daniel Vidinha da. *Categorias de base: uma análise da formação e profissionalização dos jogadores de futebol formados nos clubes de Pelotas/RS*. 2015. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas-RS, 2015.

SOUZA, Adriano Lopes de et al. Levantamento e análise do desenvolvimento da produção e do estudo sobre futebol 1980 – 2016. In: COUTO, Ana Cláudia Porfírio et al. (org.). *Políticas públicas de esporte e lazer*: Centro MG da Rede CEDES. Belo Horizonte: Utopika Editorial, 2019.

SOUZA, Julio César Couto de. *A transformação do futebol brasileiro: avanços e recuos na sua modernização e repercussões nas categorias de base*. 2001. 157f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

TEIXEIRA, Marcelo Carvalho. *Perfil dos gestores de futebol nas categorias de base no estado do Rio de Janeiro*. 2019. 66 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Atividade Física) – Universidade Salgado de Oliveira, Niterói-RJ, 2019.

THIENGO, Carlos Rogério. *Os saberes e o processo de formação de futebolistas no São Paulo Futebol Clube*. 2011. 289 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Motricidade, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

VIEIRA, Talita Machado. *Futebol não é (só) brincadeira: Os processos de formação e subjetivação de atletas*. 2017. 238 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2017.